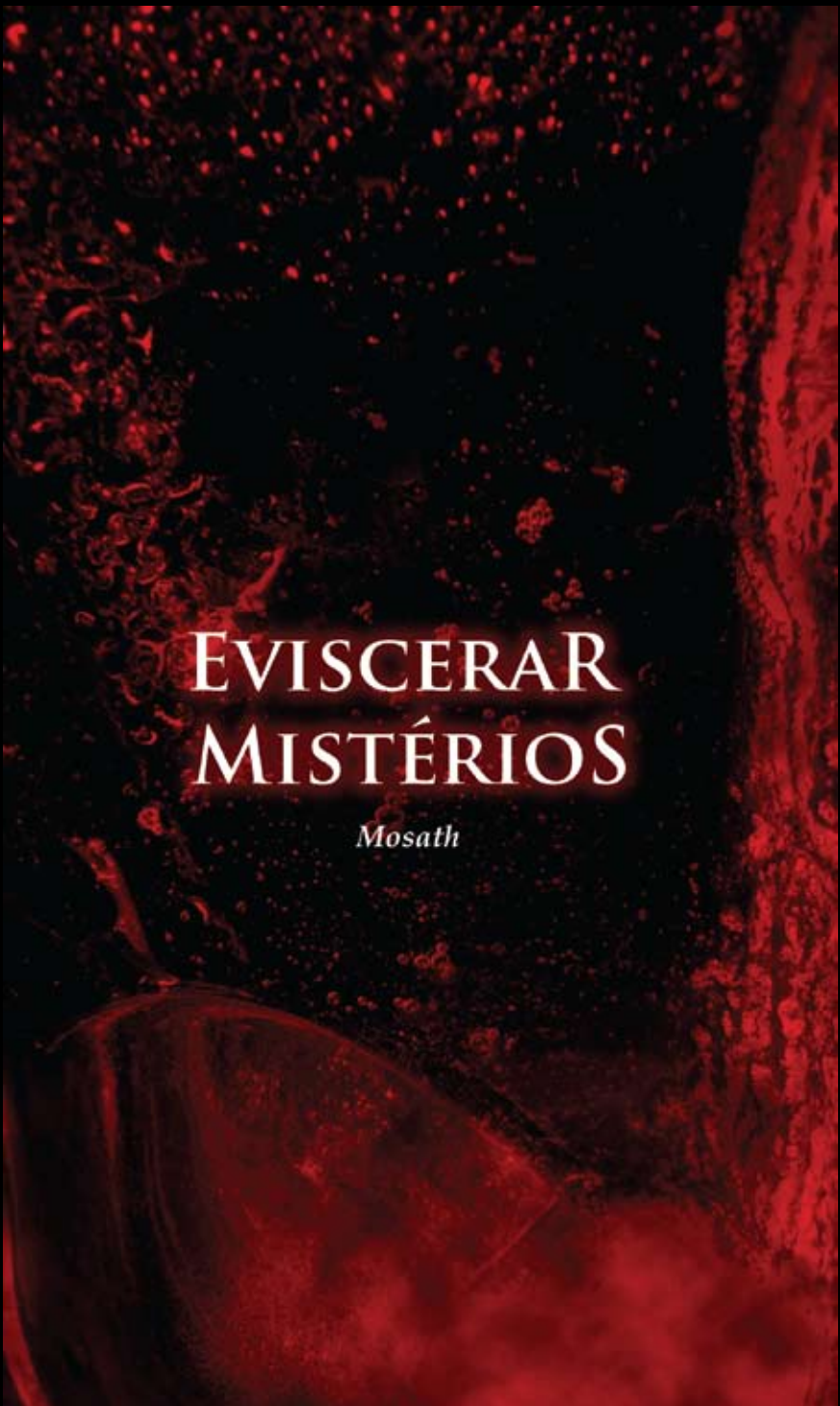


Infernus

N.º 8 · III/VI ERA APS

ORGÃO OFICIAL DE EXPRESSÃO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE SATANISMO





EVISCERAR MISTÉRIOS

Mosath

*E nem o criador percebe a obra, já que,
primeiramente, tenta perceber a sua vida.
O resultado é a obra...*

BREVEMENTE.



que é a arte? Há uns tempos contaram-me uma história que gostava de partilhar convosco. Um dos nossos Membros trabalha com crianças, e num dos exercícios de um dia de trabalho foi-lhes pedido que respondessem à questão em cima através de uma frase ou desenho numa folha de papel. Algo que representasse o que eles consideravam ser a manifestação de arte. Um deles, ao cabo de um minuto a olhar fixamente para a folha em branco, agarrou num lápis e ao fim de apenas outro minuto chamava o nosso Membro para o autorizar a ir brincar, uma vez que tinha concluído o seu trabalho. Tinha desenhado um ponto no meio da página, com um pensamento: *"Eu não sei o que é a arte. Arte é o que EU, tu ou o que o outro quiser"*. Fantástico como conseguimos aprender tanto com alguém tão novo.

Vem isto a propósito desta primeira edição da Infernus em 2008, precisamente dedicada à arte. Focamos diferentes perspectivas, abordando o assunto pela via da escrita, música, pintura, fotografia, manipulação digital. Mas sempre com a mesma premissa em mente – a arte somos nós que a fazemos. Como um miúdo uma vez disse.

Destaco a teia urdida em redor de Giosuè Carducci, com uma visão sobre a sua vida extraordinária e a tradução do seu poema *Inno A Satana*, procurando manter a sua rima e métrica, assim como o espírito do original – convido-vos a o recitar em voz alta, já que o poder das palavras é tremendo. Com ele fazemos a ponte de ligação a Teatro Satânico, aproveitando para vos apresentar o resultado de uma interessante conversa com Devils g – não será certamente a última vez que estará presente nas nossas páginas.

Tem também motivo de realce o trabalho gráfico de vários artistas que vos apresentamos, a começar pela fantástica capa de Simon "Nosve", continuando através das peças de arte dispersas um pouco por toda a edição, e finalizando no artigo de Mosath sobre um pintor que merece a nossa atenção. Outubro e BM Resende complementam a nossa equipa editorial com artigos que fazem incidir novas tonalidades sobre a já complexa paleta de cores desta edição.

Este prevê-se que seja um ano bastante activo para a APS, por isso conto convosco desse lado para nos acompanharem nesta viagem – nem que seja apenas por um instante. Até ao próximo Solstício!

Pela Administração da APS,
Lurker



INFERNUS N.º VIII

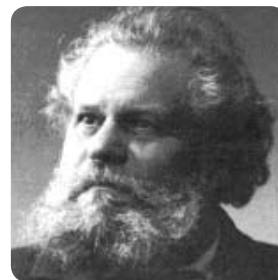
Capa: *Don't Fear* de Simon "Nosve"
<http://nosve.deviantart.com>

Editor: Lurker

Produção: Solis

Colaboradores: Black Lotus, Outubro, Mosath, BM Resende

Revisão: Phillypa Warner



GIOSUÈ CARDUCCI

Um hino à sua vida



OS FUNDAMENTOS DO ATEÍSMO

A segunda parte



LA RÉVOLUTION SURREALISTE

O Anarquismo como a postura social do Surrealismo



MODA E OUTRAS REFLEXÕES



PODER-SE-Á AFIRMAR QUE O SATANISMO É ALGO INTRÍNSECO AO SER HUMANO CONSCIENTE E INTELIGENTE. NÃO FOSSEMOS CORROMPIDOS PELA MORAL, HIPOCRISIA, ESTUPIDEZ E ESCRAVIDÃO DO MUNDO QUE NOS RODEIA, CLARO ESTÁ. GIOSUÈ CARDUCCI ESTEVE DURANTE A SUA VIDA MUITO MAIS PRÓXIMO DESSA ESSÊNCIA SATÂNICA DO QUE MUITOS QUE SE AUTO-INTITULAM SATANISTAS. E SÓ POR ISSO VALERÁ A PENA CONHECER UM POUCO MELHOR O HOMEM POR DETRÁS DO MITO.

UM HINO À VIDA *Lurker* DE GIOSUÈ CARDUCCI

EPÍLOGO

Quando Giosuè Carducci morre em 1907, deixa-nos um espólio literário ímpar, uma vivência muito particular do mundo e uma afirmação de convicção. Se por um lado podemos hoje tomar conhecimento do seu trabalho através das dezenas de publicações que deixa decorrentes de mais de 40 anos de trabalho literário, não podemos deixar de parte a influência que a sua existência teve na política, na cultura e na religião Italianas do final do século XIX e no início do século XX.

O seu trabalho atinge o expoente máximo com a conquista do Prémio Nobel da Literatura em 1906, um ano antes do seu último suspiro. Apesar de não lhe ter sido fisicamente possível receber o prestigiado galardão, devido à debilidade da sua saúde, fica para a história esse marco indelével na vida de um Satanista de facto.

Mas talvez a prova mais cabal das suas convicções tenha sido dada nos seus últimos tempos de vida, ao renegar qualquer aproximação religiosa ou perdão papal, distanciando-se assim dos seus pares e da tradição corrente na altura, e reafirmando a força daquilo em que acreditava – uma vida sem deuses a quem adorar, regida pelo ciclo natural do mundo que o rodeava, e acima de tudo afastada ao máximo de toda e qualquer influência religiosa.

Se muitos o denominaram Pagão durante

o seu tempo de vida, e outros o reconheceram como Satanista depois do termo ter sido cunhado, parece mais razoável identificar Giosuè Carducci como alguém que aproveitou a sua vida ao máximo, de acordo com o que considerava correcto como indivíduo.

REGRESSO ÀS ORIGENS

Decorria o ano de 1835 quando em Valdicastello, Itália, nasce Giosuè Carducci. Por esta altura a Itália tal como a conhecemos hoje não existia; em seu lugar existiam uma série de estados feudais e reinos, politicamente fragmentados e dominados pelo jugo papal de Roma, com apoio militar Austríaco. O pai de Giosuè Carducci era um feroz defensor da unificação da Itália sob a égide da República, e devido a esta posição política foi obrigado, juntamente com a sua família, a mudar de residência várias vezes nos seus primeiros anos de vida.. Acabaram por passar um longo período de tempo em Florença, onde Giosuè Carducci iniciou um percurso académico que o iria levar ao referido Prémio Nobel.

Desde tenra idade que desenvolveu uma paixão focada no classicismo Romano e Grego, quer do ponto de vista literário (onde foi buscar influência para a sua poesia, por exemplo) quer do ponto de vista filosófico e cultural (onde foi buscar o seu interesse pelo paganismo). Foi inspirado pela métrica dos poemas de Horácio e Virgílio, tendo incorporado nas

suas próprias obras elementos clássicos como forma de homenagear um passado grandioso. Foi também um tradutor competente, tendo traduzido a “*Ilíada*” de Homero para Italiano, e também obras de Goethe e Heine.

Depois de concluir a sua formação em 1856 e de passar por algumas posições temporárias, foi aos 25 anos nomeado professor da cadeira de Literatura Italiana na Universidade de Bolonha, onde iria passar grande parte da sua carreira. Um ano antes havia casado com Elvira Menicucci, com quem teve 4 filhos. A sua vida aparentava vir a ser semelhante à de outros brilhantes catedráticos seus contemporâneos, mas havia um fogo a arder dentro de Giosuè Carducci que o consumia.

POR UMA ITÁLIA UNIFICADA

Tendo vivido com alguém tão acérrimo defensor de uma única Itália como o seu pai, seria de prever que Giosuè Carducci partilhasse também a mesma vontade. Começou por se envolver nas manifestações políticas da altura, contribuindo activamente para a revolução Italiana que destronou a tirania vigente e uniu grande parte do território Italiano sob uma monarquia constitucional republicana em meados dos anos 60, depois de anos de guerra civil. No entanto, mantinha-se o domínio papal exercido através do controlo político de Roma e dos territórios circundantes – os estados papais.

**“NÃO CONHEÇO NEM VERDADE DE DEUS
NEM PAZ COM O VATICANO OU QUALQUER PADRE.
ELES SÃO OS VERDADEIROS E IMUTÁVEIS INIMIGOS DE ITÁLIA”**

A Maçonaria Italiana no século XIX constituía-se como um centro nevralgico de organização de actividades revolucionárias e de guerrilha. Como seria de prever, Giosuè Carducci era um dos seus membros, a par de nomes como **Giuseppe Mazzini** (líder do movimento Nova Itália) e **Giuseppe Garibaldi** (o famoso herói revolucionário Italiano).

No entanto, ao contrário das correntes anglófonas e germânicas, a Maçonaria Italiana (fortemente influenciada pela Francesa) sempre adoptou uma postura para além da religião, num tom quase ateuista. Continuavam a usar o arquétipo do Grande Arquitecto do Universo para se referirem ao "criador", mas para os maçons Italianos e Franceses esta figura tinha um significado algo diferente, como podemos ver neste excerto da revista oficial do capítulo Italiano: *"A fórmula do Grande Arquitecto, que é reprovada pela Maçonaria como ambígua e absurda, é a mais abrangente e correcta afirmação do imenso princípio da existência e tanto pode representar o (revolucionário) Deus de Mazzini como o Satan de Giosuè Carducci; Deus, como fonte do amor, e não de ódio; Satan, como o génio dos justos, e não dos vis".*

Esta referência a Carducci e ao seu famoso poema *"Inno A Satana"* (Ode a Satan) demonstra bem o papel preponderante que tomou na sublevação Italiana. Tanto, que em 1902 o Papa Leão XIII publicou um texto contra a Maçonaria Italiana, tendo em 1910 a Enciclopédia Católica pronunciado-se desfavoravelmente em relação à citação apresenta anteriormente. A mesma publicação inclui também uma referência a Giosuè Carducci e ao seu *"Inno A Satana"*, contribuindo assim para a sua imortalização. Sem dúvida que o autor teria apreciado a deferência.

Depois de anos de luta contra esta tirania, em 1870 o suporte militar Austríaco ao poder papal cessa e as tropas republicanas entram triunfantes em Roma. Giosuè Carducci manteve o seu envolvimento político tornando-se inclusive senador Italiano. Terá sido porventura um momento marcante para quem, como ele, tinha um tão grande respeito e paixão pelo passado histórico clássico. Mas não foi como político que mais se distinguiu.

UMA ODE MUITO ESPECIAL

Em 1863, aos 28 anos, Giosuè Carducci, imerso no seu ateísmo e luta pela unificação de Itália, escreve numa tarde o poema *A Satana* – foi escrito como um *brindisi*, uma peça para ser recitada ao fazer um brinde num jantar de amigos, previsivelmente os mesmos que partilhavam das suas convicções. Foi publicado em 1865 sob o título *"Inno A Satana"*, não sendo difícil imaginar uma mesa recheada de convivas em pé, copo em punho recitando o poema com a sua métrica, tom e rima ajustada ao brinde que se avizinha com – porque não? – o produto da produção nacional.

Carducci compôs a Ode a Satan com 50

estrofes de 4 versos cada uma, em que o 2.º rima com o 4.º. Familiar na sua simplicidade, e de facto um dos primeiros trabalhos publicados do autor – mas também poderoso na forma como flui, nas palavras nele contidas e no sentimento satânico de que está imbuído. Retracta uma visão desapaixonada da religião e dos seus malefícios durante a história, recuperando passagens que relembram as atrocidades cometidas em nome de um qualquer deus,

usando Satan como arquétipo de tudo aquilo que é belo, maravilhoso e que se encontra ameaçado pelo jugo castrador da ortodoxia cristã. Dado o contexto político e social da altura, não deve ter feito muitos amigos pelas bandas de Roma...

O poema é publicado uma segunda vez em 1869, no *Il Popolo*, um jornal radical de Bolonha, na mesma data do 20.º aniversário do Conselho Ecuménico do Vaticano – uma

A SATAN

(Tradução Portuguesa)

A ti, da criação Princípio imenso Matéria e espírito Razão e senso	Satan vive só. Mantendo-se seguro No relampejo trémulo De um olho escuro,	Entre as perfumadas Palmeiras dos Edomitas Onde dos Cipriotas mares A espuma fitas
Enquanto no cálice O vinho cintila Como a alma Na pupila	Ou cuja languidez Foge e persiste, Ardente e húmido Provoca, insiste.	Porque razão esse bárbaro Do Nazareno Fúria exacerbada Do ritual obscuro
Enquanto sorriem A terra e o sol em clamor Vão trocando Palavras de amor	Que brilhe em cacho E no sangue prazenteiro pingue, Por quem a rápida Alegria não se extingue,	Com a sagrada tocha Os teus templos incinera E as tuas estátuas Dispersa pela cratera?
E corre um arrepio Do seu secreto abraço Da montanha e planície Brotar vida no regaço;	Cuja efémera Vida preserva, Que a dor prolonga E o amor inspira e conserva	Acolho-te, refugiado No seio do lar O povo zeloso No seu domínio secular
A ti, desafiador Verso ousado, Invoco-te, Satan Monarca do banquete anunciado	Respiras, Satan Em versos meus Irrompendo em mim Um desafio ao deus	Assim um feminino Coração palpitante Transbordante, fêrvido Deus e amante,
Coloca de parte o teu hissope Padre, e as tuas litanias! Não, padre, Satan Não se retira das cercanias!	De perversos pontífices E reis sanguinários; Como um relâmpago tu Chocas os seus imaginários.	A bruxa pálida Do incessante questionamento Dirige o seu socorro À natureza em sofrimento
Vede! A ferrugem Corrói de Miguel A espada mística E o fiel	Para ti Arimane, Adonis, Astarte Vive o mármore, a tela, O pergaminho e a arte	Tu, para o olhar fixo Do alquimista E para o desobediente Mago à tua vista
Arcanjo, depenado Cai na vasta imensidão Relâmpagos jazem congelados De Jeová na sua mão	Quando os jónicos arcos De serena aura sem limite São abençoados por Venus E Afrodite	Do claustro lânguido Para além da sua portada, Revela o brilho De uma nova alvorada.
Como meteoros pálidos, Mundos extintos num momento, Os anjos caem Do firmamento	Para ti do Líbano Abana o arvoredor verdejante, Da alma Cipriota Ressuscitado amante:	No deserto de Tebas Onde em tudo tu resides Fugindo, o monge infeliz Se esconde dessas lides
Na matéria Que nunca dorme Rei dos fenómenos Monarca conforme	Para ti danças e coros, São dedicados com fervor, A ti as virgens oferecem O seu cândido amor,	Através da tua Alma marcante e divisa, Satan é benigno; Eis Heloísa.

UM HINO À VIDA Lurker DE GIOSUÈ CARDUCCI

provocação, portanto, numa altura em que a pressão política e militar dos republicanos mais se fazia sentir sobre o domínio papal. Sendo apenas 1 ano depois que esse domínio é cessado, faz algum sentido assumir que este episódio não terá sido inocente no culminar de acontecimentos que unificaram Itália sob a efígie da República.

No entanto, nem tudo foram rosas. Dado o contexto da época, a reacção à manobra do Il Popolo foi muito forte e visceral. Mesmo republicanos próximos de Carducci opuseram-se a abraçar a imagem de Satan como um símbolo da sua revolução, apesar de se oporem ao Papa. Jornais mais moderados acusaram Carducci de estar a enfraquecer a sua própria causa com tal poema, mas o facto é que não se afigura improvável que no jantar de celebração da libertação de Roma não se tenha recitado o *"Inno A Satana"* antes do brinde que marcou o fim de um período negro da história Italiana.

PRÓLOGO

Não foi por causa de *"Inno A Satana"* que Giosuè Carducci ganhou o Prémio Nobel, mas é do seu espólio talvez a obra filosoficamente mais próxima de nós. De qualquer forma, vale a pena ler obras como *"Rime Nuove"* (Novas Rimas) ou *"Odi Barbare"* (Odes Bárbaras), publicadas nos anos 80 e contendo alguma da sua melhor poesia. Particularmente pelo carácter inovador de reintroduzir clássicos estilos Latinos de poesia em trabalhos contemporâneos Italianos, uma forma de Carducci homenagear quem o influenciou e prestar tributo ao paganismo ancestral. Mas também pela riqueza linguística de quem eficazmente conseguiu estabelecer uma ponte entre o passado e o presente.

Acima de tudo, importa lembrar Giosuè Carducci como alguém que sempre tentou tirar da vida tudo aquilo que pretendia. Uma imagem de pródigo Satanista, para relembrar quem ainda precise que o Satanismo não surgiu depois de LaVey, e uma inspiração – que os seus trabalhos e vivências nos sirvam de meio para atingirmos os nossos próprios objectivos, e não como fim. Decerto não seria isso que ele pretendia.

**“RESPIRAS, SATAN, NOS MEUS VERSOS,
QUANDO DO MEU CORAÇÃO EXPLODE
UM DESAFIO AO DEUS DE PERVERSOS
PONTÍFICES E REIS SANGUINÁRIOS;
COMO UM RELÂMPAGO
TU CHOCAS AS MENTES DOS HOMENS”**

Flagelas-te sem propósito
No teu invólucro amargo e ácido:
Enquanto Satan te murmura versos
De Virgílio e Horácio

Por entre o lúgubre hino
E o monocórdico lamento;
As formas divinas
São-te oferecidas em chamamento

Entre a horrível multidão negra
Um tom róseo gera,
Dado por Lycoris,
E por Glycera

Mas outras imagens
De uma época mais grandiosa
São mais apropriadas
A esta insonolenta cela preciosa

Satan, das páginas
De Lívio, conjura fervente
Tribunos, cônsules,
Multidão fremente

O perspicaz, e fantástico
Orgulho Italiano pioneiro
Empala-te, ó monge
No Capitólio altaneiro

E a vós, que a furiosa
Pira destruir não conseguisse,
Vozes fatídicas,
Huss e Wycliffe

Aos ventos o grito
De aviso envias:
Uma nova era se inicia
Completa-se a espera dos dias

E já tremem
Mitra e coroa:
Dos claustros
A rebelião ecoa,

Pregando a provocação
Sob a estola
De Girolamo
Savonarola

Assim como Martinho Lutero
Se livrou do seu hábito
Liberta-te das tuas grilhetas
Que tolham teu pensamento,

Com Relâmpagos e trovões
Rodeado de chamas;
Matéria, ergue-te:
Satan venceu suas batalhas.

Um belo e horrível
Monstro se liberta,
Percorrendo os oceanos
Percorrendo a terra aberta:

Incandescente e fumegante
Como um vulcão à superfície,
Supera a montanha,
Devora a planície;

Sobrevoa o abismo;
Para depois se esconder do mundo
Em caverna incógnita,
Através de caminho profundo;

E regressa, indomável
De ponta a ponta
Como um furacão
O seu grito despona,

Como um furacão
Alastra o seu sopro terrífico:
Eis que passa, ó povo,
Satan o magnífico

Passa benemérito
De local em local
Na sua imparável
Carruagem de fogo infernal

Sáudo-te, Satan
Rebelião,
Força vingadora
Da razão!

A ti dedico os sagrados
Votos, incenso e dotes!
Conquistas-te o Jeová
Dos sacerdotes.





THE TOWER OF BEETLE de Kazuhiko Nakamura [<http://almacan.deviantart.com>]



OS FUNDAMENTOS DO ATEÍSMO

André Disporre Cancian

(CONTINUAÇÃO DO ARTIGO DA EDIÇÃO ANTERIOR)

Sejamos honestos quanto a nós mesmos: somos seres complexos, capazes de empreendimentos notáveis, mas também limitados, e não temos todas as respostas ao nosso alcance (pelo menos não actualmente). Portanto, quem não se quiser enganar através de fábulas explicativas e consoladoras, precisa de aprender a conviver com tais limitações, pois a atitude de responder a uma pergunta valendo-se de um mistério, na realidade, não explica coisa alguma. Isso, naturalmente, não significa fechar-se totalmente para outros pontos de vista. No nosso conhecimento, há (e deve haver) lugar para a dúvida, para a incerteza, pois deste modo o nosso conhecimento não ficará cristalizado na forma de crenças impermeáveis às novas evidências que vierem a ser descobertas e às novas teorias que vierem a ser formuladas. Se não aceitarmos que a nossa visão de mundo é provisória, que sempre estará sujeita a revisões, ela tornar-se-á obsoleta rapidamente. Então devemos conceder à hipótese da existência de um deus alguma plausibilidade? Certamente: a mesma que concederíamos a uma especulação bastante improvável que, há milénios, está à espera de evidências que a comprovem.

Vale a pena fazermos, aqui, um breve comentário sobre a posição denominada "agnosticismo". Equivocadamente, costuma-se pensar que esta jaz no limiar da dúvida entre o teísmo e o ateísmo, quando, na verdade, ela é independente da questão da crença/descrença num deus. Tal visão diz respeito somente à impossibilidade de a mente humana conceber, compreender ou julgar alguns tipos de questões, afirmando que tais assuntos estão além da capacidade da racionalidade humana, sendo, portanto, impossível formular sobre eles qualquer juízo seguro.

É errado pensar no agnóstico como um indivíduo meio-termo entre as duas perspectivas, ou seja, que não afirma nem nega a existência de uma entidade superior, supostamente representando uma posição de questionamento sensato em vez de um extremismo ateu. O agnosticismo certamente não é uma terceira opção entre o teísmo e o ateísmo, e é fácil evidenciar o porquê. O agnosticismo envolve a crença em deus? Não. Envolve a descrença em deus? Não. Então que relação necessária tem com esta questão? Nenhuma. Como explicou George H. Smith, "O termo "agnóstico", em si mesmo, não indica que alguém acredita ou

SE NÃO ACEITARMOS QUE A NOSSA VISÃO DE MUNDO É PROVISÓRIA, QUE SEMPRE ESTARÁ SUJEITA A REVISÕES, ELA TORNAR-SE-Á OBSOLETA RAPIDAMENTE.

não num deus (...) agnosticismo não é uma posição independente ou um meio-termo entre teísmo e ateísmo, pois classifica de acordo com um critério diferente".

Em rigor, a palavra "agnóstico" significa apenas **sem conhecimento**, isto é, trata-se de um termo genérico que diz respeito somente à afirmação da impossibilidade de se obter conhecimento acerca de alguma coisa ou assunto qualquer. Então seria mais correcto dizer algo como: este indivíduo (ateu ou teísta) é agnóstico em relação à questão da existência de deus ou de alguma "questão x" qualquer.

Portanto, como podemos perceber, não existe um meio-termo entre acreditar e não acreditar, ou seja, entre teísmo e ateísmo. Afirmar "**acho impossível saber com certeza**" não é uma solução, mas uma evasiva. O que comporta um meio-termo, na verdade, é a lacuna que fica entre a negação e a afirmação de deus, e tal lacuna corresponde ao ateísmo céptico ou prático.

Como se pode notar, essa noção do agnosticismo é uma posição errónea comumente adoptada por aqueles que não são teístas, mas que na verdade não consideram a existência de deus uma hipótese absurdamente improvável, como alguns ateístas mais fervorosos. Mas, sem dúvida, os agnósticos desse tipo são, tecnicamente, ateus. Provavelmente muitos denominam-se como tal porque têm receio do estigma social vinculado ao ateísmo, que é muito forte; então transferem o significado das suas posições a outros termos que soam mais brandos, como agnóstico, como convém, pois em cima do muro não caem tantas pedras.

Voltando ao assunto principal, é sempre comum vermos, devido a todos os mitos que existem sobre o ateísmo, indivíduos a imaginar e a perguntar-se como é que os ateus são. Talvez pensem que são criaturas exóticas raríssimas, que vivem num submundo oculto, se vestem de preto e advogam pela destruição de todas as religiões, mas isso não passa de fantasia. Na sua maioria, os ateus são pessoas realmente comuns, que baseiam na lógica e nas evidências as suas opiniões sobre a realidade. O facto é que, provavelmente, todas as pessoas já se depararam com ateus casualmente, mas sem se aperceberem disso, daí acharem que são tão raros. Na realidade, se não perguntarmos directamente aos indivíduos, é quase impossível descobrir se são ateus. São poucos aqueles que gritam aos quatro ventos que não acreditam em nenhum deus.

Sem dúvida, também há os ateus mais exacerbados, tipicamente denominados ateus militantes, alguns dos quais mantêm uma postura hostil para com a religião. Alguns julgam que ela é um grande entrave ao progresso da humanidade, principalmente aqueles que têm algum conhecimento de História. Mas isso, fundamentalmente, como vimos, não pode ser encarado como uma consequência directa do ateísmo, pois não existe uma Santa Escritura Ateísta que dita "*Tu vilipendiarás a religião e escarnecerás a crença do teu próximo*". Se algum ateu procede de tal maneira, trata-se apenas de um posicionamento individual, e querer imputar a causa do seu comportamento agressivo ao ateísmo é uma atitude errada e desonesta.

Muitos também pensam que os ateus são irredutíveis na sua descrença, que são descrentes crónicos, incapazes de mudar o seu ponto de vista. Se podemos dizer que os ateus são irredutíveis, são-no apenas na atitude de não acreditar em hipóteses sem comprovação. Certamente, se algum teísta surgisse com uma prova realmente válida para a existência de deus, até os ateus mais ferrenhos teriam de dar o braço a torcer. Aliás, não há motivos para se pensar o contrário. Afinal, por que razão um indivíduo se oporia à existência de um criador? Quem não gostaria de ser a coroa

da criação? Quem escolheria ser um efémero mamífero, um grão de pó pensante, se pudesse ser o imortal supra-sumo do Universo? Para citar Peter Atkins:

"Seria de facto fascinante se o Universo tivesse um propósito; seria provavelmente aprazível haver vida após a morte. Porém, não há um só pedacinho de evidência em favor de nenhuma das duas especulações. Como é fácil de compreender as pessoas anseiam por um propósito cósmico e vida eterna, e como não existe evidência para ambos, parece-me uma conclusão inescapável que nenhum dos dois existe."

Realmente seria óptimo se todos nós fôssemos tão especiais quanto gostaríamos de ser, mas o facto é que não temos motivos para acreditar que somos. Novamente, é a integridade intelectual que nos impede de acreditar em algo infundado somente porque é confortável.

Pelo exposto acima, percebemos que o ateísmo, ao contrário da imagem que se pinta dele, não é representado por uma seita de iconoclastas fanáticos, imorais e desequilibrados que querem destruir a religião a todo custo. Sem dúvida, o ateísmo apresenta-se como uma posição totalmente razoável, lúcida e sensata quando encarada na perspectiva objectiva, isto é, sem se levar em conta factores subjectivos (o modo como "gostaríamos que a realidade fosse", "no que precisamos acreditar para viver" etc.). E, como foi pontificado no início deste trabalho, o que os indivíduos livres-pensadores procuram, em geral, não são certezas absolutas: procuram aquilo que é mais provável de ser verdadeiro.

O objectivo deste capítulo foi desfazer alguns dos principais mitos, preconceitos e calúnias que gravitam ao redor do ateísmo, para que assim sejamos capazes de ver a sua posição de modo cristalino. Naturalmente, fica claro que muito esforço é feito da parte dos teístas no sentido de deturpar o verdadeiro significado dessa descrença. Em vez de enfrentar as verdadeiras questões, criam espantalhos do que seria o ateísmo e, destruindo-os, regozijam-se de tê-lo refutado, quando na realidade tal refutação não passa de um mal-entendido.

Contudo, não pensem que são todos tão ingénuos e inocentes: caluniam porque não podem enfrentar; evadem porque não podem responder. O facto é que o teísmo sempre terminou como perdedor em todas as vezes que tentou enfrentar os factos e a racionalidade, e simplesmente desmoronaria se tentasse, honestamente, confrontar-se cara a cara com todas as questões que o ateísmo apresenta.

Deste modo, se há uma questão que realmente incorpora todo o peso do verdadeiro desafio que o ateísmo lança contra as religiões, é esta: que motivos temos para acreditar na existência de um deus?



THE SATANIC NUCLEUS de Draconis Blackthorne [<http://dblackthorne.deviantart.com>]



Surrealismo;

s.m. Automatismo psíquico puro pelo qual se propõe exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo o controlo exercido pela razão, fora de todas as preocupação estéticas ou morais.

in *Manifesto Surrealista*,
André Breton, 1924

LA RÉVOLUTION SURREALISTE

BM Resende

Assim é definido o termo da indefinição artística máxima, o grito da mente revoltada que se vira para si mesma, que rompe com as opressões circundantes e que emana sonhos no maior dinamismo possível. Nascido nas cinzas da I Guerra Mundial, o Surrealismo ousa a revolução social, a oposição aos estilos de vida superficiais e convencidos que faziam com que as sociedades sucumbissem a processos quase imparáveis de degeneração. No cerne do movimento, da sua construção e desenvolvimento esteve **André Breton**, escritor e poeta francês, inspirado e fascinado com as descobertas e ideias de **Sigmund Freud**. Abertas as portas da percepção humana, da genuinidade dos fenómenos da consciência e subconsciência, restava a sua exploração, a sua análise e emancipação, a busca pelos desejos e vontades, pelas imaginações e criatividade advindas do automatismo entre pensamento e ação.

Entre escombros e banhos de sangue, entre tiranias e opressões totalitárias, mentes revolucionárias cedo se familiarizam com o movimento, a perspectiva artística e social de mudança das vidas humanas emanava em diversos focos, a vertente artística dadaísta anarquista propagava-se e exprimia a sua revolta em zonas distintas como Colónia e Nova Iorque, antecedendo e coexistindo com construção surrealista de Breton, as correntes artísticas tornaram-se ondas que se ultrapassavam uma à outra.

O laboratório surrealista inicia-se com a revista "*Littérature*", iniciada por Breton, **Soupault** e **Aragon**, as experiências e desenvolvimentos dinamizam-se com aumentos sistemáticos do grupo, os sonhos ganham voz, a consciência apercebe-se de si mesma, da sua existência constantemente esquecida em vacuidades e superficialidades sociais, as drogas alucinógenas alimentam a imaginação, a infância é analisada pela sua antecendência às filtragens sociais, às

O SURREALISMO OUSA A REVOLUÇÃO SOCIAL, A OPOSIÇÃO AOS ESTILOS DE VIDA SUPERFICIAIS E CONVENCIDOS QUE FAZIAM COM QUE AS SOCIEDADES SUCUMBISSSEM A PROCESSOS QUASE IMPARÁVEIS DE DEGENERAÇÃO



AZ de Bernard Dumaine [http://bernardumaine.deviantart.com]

dogmatizações e conformismos, o subconsciente dialoga com o consciente, o estado de emancipação humana toma os contornos da revolução. Experiências e desenvolvimentos efectuados, nasce o organismo de amadurecimento do movimento em 1924, "*La Révolution Surréaliste*".

Nascida como a forma perfeita de anti-arte, o surrealismo vai alcançando aos poucos a estatura de um gigante, ridicularizando os conformismos e os uniformismos, enfrentando as belas-arts impregnadas em conceitos religiosos e políticos, em interesses económicos desinteressantes e entediantes, aglutinadas pelos poderes instalados, a arte revolucionária opõem-se, desamarrando as lógicas e as racionalidades da produção imaginativa. A sua oposição social acaba por trilhar caminhos semelhantes ao do anarquismo, as semelhanças originam as aproximações, e o surrealismo surge como a emanção artística do anarquismo, o anarquismo como a postura social do

surrealismo. As reuniões e exposições aceleram, e as expressões de surrealismo ramificam-se sem barreiras de fronteiras, de políticas, de religiões. O pensamento automático vai englobando em si múltiplos seguidores, **Dali**, **Magritte**, **Miró**, **Buñuel** entre muitos outros.

O movimento crescia como uma bola de neve a descer uma montanha íngreme, e o número de candidatos a coveiros do movimento aumentava enormemente, a liberdade de existência e de emancipação corria riscos severos a cada dia que passava, para além dos ambientes de guerra e fascismos políticos e cristãos envolventes. Os problemas aumentam, e também as soluções, eclode a Guerra Civil em Espanha, em 1936, e vários surrealistas fogem do país, com eles **Buñuel**, os parateiros e encontros dificultam-se, mas a vontade continua, e pelo mundo vão sendo descobertos novos surrealistas, novos conceitos, novas revoluções de consciência e emanção criativa.

Entre os variados problemas encontrados nas suas ascensões. Pode-se referir a título de exemplo a obra de **Luis Buñuel**, "*Viridiana*", odiada pela Igreja Católica. Rapidamente as ligações estreitas entre Franco e Vaticano se fizeram sentir e a obra foi banida na Espanha e todas as cópias do filme destruídas... Supostamente. A actriz **Silvia Pinal** havia roubado uma cópia e viajado com ela para o México, e um dos produtores havia enterrado outra cópia no seu quintal, e, graças a estas duas pessoas, o filme de Buñuel pode hoje ser visto.

Sementes lançadas, germinadas, e as ramificações perdem-se de vista, os conceitos cruzam-se, as ideias circulam livremente, e a necessidade de rotulagem das fenomenologias desaparece, o Surrealismo envolve e deixa envolver, floresce nos estados de espírito mais livres, mais introspectivos, mais conscientes da sua consciência e subconsciência.

LA RÉVOLUTION SURREALISTE

No ambiente moderno, com envolvimento e desenvolvimento, obtemos a palavra definida por Breton no seu Manifesto em contextos variados, na maioria das vezes contextos fora de contexto, usos e abusos de uma palavra à qual não é dado o devido significado, deturpações e entropias estupidificadas perante um conceito que perde o conceito. Perde-se a conta do uso da palavra de emancipação artística em conjecturas estúpidas, actos que são rotulados de surrealistas por serem pouco familiares, mas tão pouco assim se definem as coisas, à consciência reduzida de acções estúpidas é rotulado o Surrealismo, ao quotidiano de sociedades que lhe desconhecem os conteúdos, que usam aquilo que os dilacerou um dia. Perscrutando os trilhos e as experiências dos verdadeiros surrealistas, definir-lhe-ei formas e sentidos, ei-lo:

SURREALISMO: Estado de consciência elevada em constante revolução de livres associações, livre pensamento desinteressado orientado para as realidades superiores de formas, cores, e suas percepções. Onipotência da elevação da mente, emancipação das suas vontades e desejos através de todo e qualquer recurso estilístico, perscrutação permanente de contextos e paradigmas da consciência e subconsciência e destruição absoluta de todo e qualquer automatismo individual e social, físico ou psicológico.

DECÁLOGO SURREALISTA

I. TODA E QUALQUER COISA É INSPIRAÇÃO PARA TODA E QUALQUER COISA.

A arte é a emanção criativa do indivíduo, da sua consciência, dos seus sonhos e desejos, pesadelos e medos, qualquer coisa pode ser por si utilizada e desenvolvida para qualquer coisa, a arte é apenas por si definida e não pelo que os meios envolventes ditam.

II. A MECANIZAÇÃO INDIVIDUAL E SOCIAL, RACIONAL E FÍSICA, DEVEM SER DESTRUÍDAS.

Perscrutar as infâncias pode proporcionar uma quebra com as amarras e as filtragens da mente, se as crianças dizem o que pensam, agem como sentem, expressam-se como o espírito lhes dita, eis que se percebe que deve ser retomada pelo Ser Humano a liberdade que lhe foi destruída.

III. A REVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA É HOJE E AGORA.



LANDSCAPE de Bernard Dumaine [http://bernardumaine.deviantart.com]

A revolta é o estado da consciência elevada, é a evolução da mente emancipada revoltada com as estagnações. Revolta contra as imposições arbitrárias e rejeição em bloco dos dogmas sociais, e eis o desenvolvimento da mente para a superioridade.

IV. A CONSCIÊNCIA DEVE MANTER-SE EM ABSTRAÇÃO O MAIOR TEMPO POSSÍVEL.

Permanecer em abstracção proporciona à consciência a consciência de si mesma, sem imposições ou interferências de qualquer espécie à sua emancipação, ela descobre-se e emana o que de mais profundo se esconde.

V. A ALUCINAÇÃO É UMA FORMA DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA.

A alucinação, a demência, a abstracção total dos papéis sociais revela a natureza das coisas, a verdadeira natureza das coisas, deduzida ou induzida, a alucinação é a natureza emanada em esplendor para a criação.

VI. QUANDO O EVOLUCIONISMO NADA ORIGINA DEVE REGRESSAR-SE ÀS ORIGENS.

Se preconceitos e conformismos de estupidez barram os caminhos das evoluções, as origens devem ser avaliadas e retomadas, o estado de Homem primitivo em contacto directo com as formas e cores da natureza deve ser elevado, perscrutando os tribalismos, as suas liberdades e emancipações artísticas em contextos de automatismo psíquico, se encontra mais facilmente os erros e as barreiras sociais ao pensamento falado, escrito, artístico, automático.

VII. AS IMAGENS DA CONSCIÊNCIA DEVEM TORNAR-SE REALIDADE.

O transe deduzido ou induzido fomenta a livre criação e a emancipação de cores e formas irracionais e ilógicas, estas imagens carregadas de inconsciência e de emanção da natureza do ser devem expor-se para a realidade, pelas ferramentas que mais convenientes parecerem.

VIII. ANTES DE ADORMECER, O SUBCONSCIENTE DEVE SER CONTACTADO PELA CONSCIÊNCIA ARTÍSTICA.

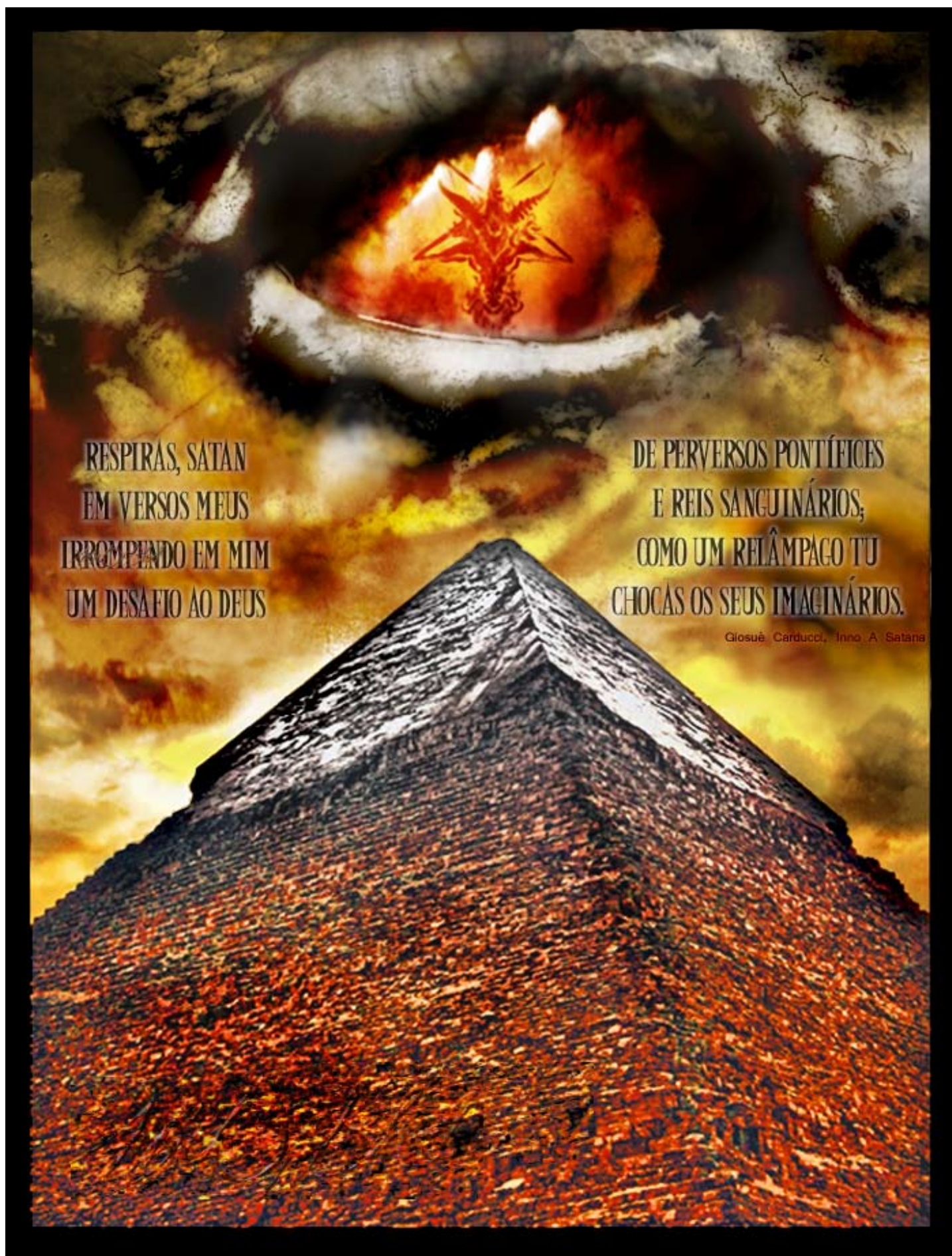
A vigília é um estado de consciência alterada, esta contacta com o subconsciente mediante orientações mentais e este contacto emana as formas e as cores dos sonhos que não sobrevivem à consciência acordada. A inconsciência pode ser contactada pelo período de vigília e as imagens e criações que dela florescerem devem ser catalogadas de obra artística, são a natureza do ser na mais pura das formas, na mais imaginativa das imaginações.

IX. O HOMEM MANIPULA AS CONSTRUÇÕES ARTÍSTICAS E NÃO O CONTRÁRIO.

A arte é a inspiração e a criação é construída pelo Homem e não construída para o Homem, é o grito de um ego, de uma mente, não é aquilo que é pedido, é aquilo que a mente quer dar. Não é manipuladora, é destruidora de manipulações, não é preconceituosa, é destruidora de preconceitos.

X. E TUDO O RESTO É ARTE...

O SURREALISMO SURGE COMO A EMANAÇÃO ARTÍSTICA DO ANARQUISMO, O ANARQUISMO COMO A POSTURA SOCIAL DO SURREALISMO



RESPIRAS, SATAN
EM VERSOS MEUS
IRROMPENDO EM MIM
UM DESAFIO AO DEUS

DE PERVERSOS PONTÍFICES
E REIS SANGUINÁRIOS,
COMO UM RELÂMPAGO TU
CHOCAS OS SEUS IMAGINÁRIOS.

Giosuè Carducci, Inno A Satana

TEATRO SATANICO

Lurker

**OLHAR PARA O ABISMO
E DAR O PASSO EM FRENTE!**



**NÃO SÃO MUITOS
OS COLECTIVOS QUE
SE CONSEGUEM REINVENTAR
A CADA LANÇAMENTO,
MANTENDO-SE RELEVANTES
NO PANORAMA MUSICAL
ACTUAL. SE A ISSO JUNTARMOS
UMA FILOSOFIA SATÂNICA
IMBUÍDA EM TUDO O QUE
FAZEM, TEMOS REALMENTE
ALGO ESPECIAL EM MÃOS.
NUMA VIAGEM VIRTUAL ATÉ
AO “PAÍS DA BOTA”, FOMOS
PERCEBER COM DEVILS G
COMO SE MANTÉM A
CHAMA ACESA NO MEIO DA
TEMPESTADE, SEM PERDER
UM SENTIDO DE HUMOR
MUITO PECULIAR.**



Teatro Satanico formou-se no início dos anos 90. Ainda se lembram do estado de espírito e contexto que levou à criação deste projecto?

Nessa altura estava a experimentar algumas coisas noise e electrónicas, mas depois tornei-me mais interessado nas artes visuais e comecei a lidar com mais arte e poesia do submundo... Ao mesmo tempo estava bastante interessado no ocultismo e costumava andar com algum pessoal neo-pagão e feiticeiros e foi assim que conheci Kundalini. Tínhamos uma atitude antinomiana bastante similar. Ele estava bastante envolvido na cena pós-industrial italiana, uma vez que era um ex **Babalon Baby** (um membro de Centro Ricerche Studi Babalon) isso era um ponto de acesso T.O.P.Y. para a banda **Rosemary's Baby**. Depois do fecho deste ponto de acesso, Kundalini foi à sua vida, mas continuou a fazer actividades de *mail-art*...

Porquê a adopção de algo tão controverso como o nome de Teatro Satanico e Charles Manson?

Um dos gozos que Kundalini usou na sua arte escrita foi o "*Cerchio Satanico Charles Manson*" juntamente com outros

SE AMANHÃ A FÉ MONOTEÍSTA DEIXASSE DE EXISTIR, DEMORARIA SÉCULOS ATÉ QUE AS PESSOAS FICASSEM REALMENTE SÃS, O MONOTEÍSMO É UM VENENO PARA O SUBCONSCIENTE COLECTIVO.

aspectos esotéricos e temas *quasi-situacionistas* que formavam um conjunto muito particular. Sugerí-lhe que declamásemos os nossos escritos por cima de algum noise, gravá-los em cassetes e espalhá-las através da nossa rede de mail-art. Foi assim que o projecto **Teatro Satanico Charles Manson** se iniciou. Por acaso nós até gravamos algumas coisas juntos, com Luigi Russolo e Stefano Biasin, mas essa colaboração não durou. Mais tarde decidi retirar o nome de gozo de Charles Manson pois era bastante enganador. Kundalini era quem estava intrigado com Manson, acho que era principalmente pela sua envolvimento TOPY mas era bastante enganador, pois parecíamos pessoas oportunistas a explorar o nome de Manson, apesar de nos anos 90 a *mansonmania* já não estar muito na moda. Estava também determinado em usar letras em italiano. Essa opção não era assim tão óbvia nos anos 90, mesmo actualmente quase todas as bandas italianas de pós-industrial utilizam a língua inglesa. Desde o início os Teatro Satanico se destacaram de todos os estereótipos e acho que o nome de "Teatro Satanico" reflecte bastante bem a nossa atitude antinomiana.

Considera-se um Satanista? Qual a sua perspectiva filosófica sobre esta matéria?

Absolutamente. Até diria necessariamente sim. Eu cresci como católico, numa comunidade católica e num país católico. Desta forma a mente fica acorrentada e para te tornares livre da condicionante educacional que sofreste na primeira infância, não há outra forma a não ser "nascer novamente Satanista". Ninguém, no mundo ocidental, pode-se considerar livre do tormento diabólico causado pela crença monoteísta. Todas as grandes perturbações do mundo foram originadas por religiões monoteístas. Pensem apenas nisto: fundamentalismo, intolerância, totalitarismo, sistema, monopólio, capitalismo...

Até a pesquisa científica sofre do estigma monoteísta enquanto se mantiver dogmática. Se hipoteticamente, amanhã a fé monoteísta deixasse de existir, demoraria séculos até que as pessoas ficassem realmente sãs, pois o monoteísmo é como um veneno para o subconsciente colectivo e até para a linguagem! Por isso é que no mundo ocidental todos deviam passar pela fase Satânica. Acho que é questão de equilíbrio. Falando de um modo algo simplista, só para terem uma ideia, é um bocado como o processo do dialecto. Tem-se uma tese e tem de se arranjar uma antítese, para se chegar a uma síntese. Não sei o que será esta síntese, mas de certeza não compreenderá nenhuma religião para o futuro, uma vez que será todas obsoletas.

Como é que se relaciona com os pontos de vista de Anton LaVey, colocados no seu livro *The Satanic Bible*?

Eu realmente li os escritos de LaVey. O meu livro favorito é *The Satanic Witch* Acho-o brilhante, sincero, cheio de humor e achegas práticas.

Esteve ou está envolvido de alguma forma com a Church Of Satan?

Nunca estive envolvido com a Church of Satan e não sei se existe algum grotto a operar em Itália. Eu não procuro organizações, ao invés e citando William Burroughs, "*Eu fujo de qualquer igreja*"!

Ao percorrer o vosso catálogo, há vários itens que captaram a minha atenção. Primeiro, a split-cassete com Pervas Nefandum, onde o seu lado é chamado de Polisatanismo. Acha que há mais do que um tipo de Satanismo?

Claro que sim! Cultos antinomianos, Thanateros, cultos ZosKia, cultos Thelema e os clubes de Electric Hellfire, magia do caos, Luciferiana e gnóstica e os grupos de feitiçaria... Os cornos e cascos do Diabo são os mesmos cornos e cascos de Pan e Cernunnos! Os cornos são um símbolo

relativo à Força Criativa. A Natureza adora o bizarro e manifesta-o de várias formas. Não é assim tão estranho que o monoteísmo tenha vindo de regiões desertas. O judeísmo etiquetou de "diabo" todo e qualquer deus das outras pessoas politeístas com quem lutou, tal como Baal. E o mesmo foi feito por outros monomaniacos que se seguiram, cristãos e muçulmanos. Deuses tornaram-se em "Diabos" e encheram o seu "Inferno". Os monomaniacos monoteístas impuseram o seu deus e o seu "único caminho" e classificaram todos os adversários de "demoníacos". Por isso é que se pode falar de "polisatanismo", uma vez que o anterior Panteão sem deus não desapareceu, ainda cá está, no fundo do inconsciente colectivo. E esta inconsciência manifesta-se de várias maneiras diferentes. Será benéfico saber como é que James Hillman trabalha, para assim compreenderem melhor o que quero dizer.

Não podemos deixar de referir o infame "*Confesso Tutto!*", e os acontecimentos que lhe antecederam. Ainda se lembra de tudo o que se passou? Acha que a ironia é a melhor resposta para quem não o compreende?

Quando escrevi "*Confesso Tutto!*", em 1993, nunca adivinharia que se ia tornar numa sonoridade noise tão apreciada fora de Itália! Confesso que nunca percebi porque houve um alarido tão grande por algo tão pequeno... "*Confesso Tutto!*" foi composto como uma partida humorista



TEATRO SATANICO

contra o público prossecutor que nos acusou de sermos "terroristas satânicos". A acusação não tinha nada de engraçado, uma vez que foi algo altamente sancionado pela lei italiana. Em Itália não existe a pena de morte e o maior castigo que se pode ter é pena perpétua; acusaram-nos e seríamos castigados com a pena perpétua por terrorismo. O raid policial foi liderado por um polícia que é chamado pelos seus colegas de "o teólogo" e este facto é bastante indicativo do que é que eles estavam à procura. Além disso o inquérito foi bastante severo e longo. Terminou em 1994, mas acho que começou em 1992 e inicialmente envolveu alguns amigos meus mais velhos, neo-pagãos que praticavam feitiçaria, que já tinham no seu passado algumas questões políticas... Desta vez foi verdadeiramente uma "caça às bruxas"! Como disse, estive envolvido mais tarde, mesmo depois de Kundalini, uma vez que "o teólogo" pensou que eu era o cabecilha de um "comando satânico-terrorista". Terminou tudo com a nossa absolvição. E nós fizemos essa canção como gozo ao juiz que activou o promotor que começou isto tudo. Uma vez que éramos inocentes, demos-lhe uma falsa confissão de um falso assassinato. Não sei se a ironia é a melhor resposta, uma vez que aqueles que fazem estes inquéritos normalmente são estúpidos, sem qualquer sentido de humor, mas nós sentimo-nos melhor depois de gravarmos essa música!

Bastante interessante é também a edição de Muzakiller, que tem a visão de Alberto Maria Kundalini acerca da filosofia satânica. Para aqueles que não percebem bem o italiano, pode dar uma breve explicação acerca do texto?

Esse é um pequeno conto baseado num trocadilho de palavras na língua italiana, palavras como *Santità*, que significa santidade, e o neologismo *Satanità* que tem um significado próximo de sataniquidade. O conto é acerca de um crente na religião que para se tornar mais santo se transformou num demónio e para se tornar mais demoníaco voltou a ser um crente religioso.

A "coincidência dos opostos" de Kundalini refere-se mais a Manson, que disse que ele tanto era Cristo como Satanás, como na "*Coincidentia Oppositorum*" teoria de Nicholas of Cusa. Acho que Kundalini mudou este conceito dos tempos em que esteve envolvido com a T.O.P.Y. No entanto "*The Process*" de DeGrimston também apresentava uma visão semelhante, da mesma forma que Maria DeNagowska com a sua teoria

"Third Term of the Trinity"...

Acrescento que não acredito nesta visão dos factos, uma vez que é demasiada simplista, mas de alguma forma poética. Podem encarar este conto como um legado de Kundalini, uma vez que ele já não é membro dos Teatro Satânico e está totalmente envolvido na política. É um deputado da câmara e se o presidente do seu partido soubesse do seu passado "Satânico" despediam-no!

Alberto Kundalini foi apenas uma das muitas personalidades com quem já trabalhou. Como é que escolhe esse emparelhamento?

Por vezes até aqueles que me são próximos pensam que vou muito longe nas minhas misturas e confusões... Talvez seja uma atitude arriscada mas o facto é que me aborrego com grande facilidade, por isso é que os álbuns de Teatro Satânico estão constantemente a mudar. Mas asseguro que há um método no meu caos criativo. Não sigo sempre as mesmas regras para as associações na banda. Essas opções são motivadas pelo conceito da arte. Por exemplo, no "*Inno a Satana*", queria que tivesse uma aproximação do tipo de "coro-individual" e por isso é que envolvi várias pessoas a recitar o mesmo hino.

Todos eles partilham da mesma base, musicalmente ou a nível filosófico?

Nem sou muito exigente, mas por certo quero saber quem tenho pela frente. Já aconteceu ter escolhido um tipo apenas pela sua pronúncia ou por outras características similares, mas é óbvio que tendo a agrupar-me com alguém com que me identifico... Se encontro alguém que gostaria de envolver na minha arte, e não sei como é que essa pessoa realmente é, só tomo alguma decisão depois de analisar as respostas a algumas perguntas directas que lhe faço. Até agora este método resultou, mas normalmente prefiro trabalhar com pessoas das quais sou amigo. Por exemplo, conhecia o Kalamun acerca de 10 anos. Lembro da primeira vez que reparei nele, estava numa livraria à volta com temas da cultura do caos, incluindo ocultismo; eu corri. Ele perguntou-me os significados do número 666. Gostei dele de imediato, porque apesar de ser menor, ele não estava a brincar, tinha uma curiosa sanidade intelectual acerca deste tema. E agora, depois de vários anos ele é o meu mais chegado colaborador de Teatro Satânico.

**MAIS DO QUE UM RITUAL,
"INNO A SATANA" TEM UM PROPÓSITO DE CELEBRAÇÃO.**



O último lançamento foi o **"10" Inno A Satana/Lucifer**, que contém o ritual Satânico de Giosuè Carducci. Como e quando é que tomou conhecimento do trabalho de Giosuè Carducci?

Mais do que um ritual, **"Inno a Satana"** tem um propósito de celebração. É verdade que é um verdadeiro hino ao homem e ao seu trabalho e tem tantas implicações para os italianos que é difícil comunicar isso a estrangeiros. Carducci foi um poeta que representou e caracterizou a alma italiana. Todos conhecemos, desde os bancos da escola primária, o seu trabalho mais recente e é realmente chocante para aqueles que não conhecem este poema, que ele escreveu uma ode satânica. Por outro lado a livre-maçonaria estava a fazer um trabalho brilhante. Infelizmente Carducci repudiou esta obra de arte que criou quando ainda não tinha 30 anos, mas isso é outra história.

"Inno A Satana" foi uma escolha óbvia para Teatro Satânico depois de o ter lido? Porque é que escolheu o seu trabalho para inspiração?

Escolhi apresentar esta ode face aos tempos que estão a ser vividos em Itália actualmente e que são bastante tristes. A influência obscurantista do Vaticano está a afectar negativamente o nosso país, e está a penalizar a pesquisa científica e a ameaçar os direitos civis italianos que se conseguiram alcançar até agora. Como artista italiano pensei que o **"Inno a Satana"** podia ser um aviso contra o declínio.

Podemos contar com lançamentos similares no futuro, com mais trabalhos de Giosuè Carducci ou de outros artistas com trabalhos na área do satanismo?

Há outros trabalhos poéticos de satanistas italianos, mas não são tão conhecidos como este de Carducci. Penso que seria interessante apresentar também alguns destes trabalhos menores... Talvez. A questão é que não me quero repetir, por isso, vamos ver... Ainda não tomei nenhuma decisão acerca disso.

A actuação de Teatro Satânico pode ser considerada um ritual? O que pretendem representar quando estão em palco?

Acho que não sou o interlocutor perfeito para responder a esta questão... Quer dizer, devia perguntar isso ao meu público... Posso dizer é que tocamos tanto uma hora como 20 minutos em espectáculos mais curtos, tanto tocamos com 5 pessoas, ou 2 pessoas na **line-up** e nunca tocamos o mesmo **set-list** de músicas duas vezes! Quando entro em palco parece que há outro mundo... É difícil explicar; o palco é como um "lugar inexistente". Os antigos gregos estavam bem cientes disso e por isso é que fizeram o Teatro para Dionísio. O teatro vem do Ritual. Acerca deste assunto aconselho aqueles que se interessem por esta matéria que leiam o livro de **Victor Turner "From Ritual to Theatre: The Human Seriousness of Play"** porque não quero cansar todos os outros com este tipo de argumentação.

Vários dos vossos lançamentos foram muito exclusivos, como a caixa de Ars Benevola Mater. Acha que o vosso trabalho deve continuar assim limitado a algumas mentes semelhantes, ou não se importava de ter uma exposição maior?

Como artista gosto de itens limitados bem-feitos. Estas edições limitadas fazem com que nos liguemos mais aos nossos apoiantes. Os colecionadores são a melhor audiência que um artista pode ter, são a força maior que protege e valoriza o teu trabalho artístico contra qualquer fase transnacional. Por isso é que detesto re-editar álbuns antigos, porque não quero infringir o pacto táctico que aceitei com os meus apoiantes.

No entanto, como artista gostaria de ter uma maior audiência, mas sou uma pessoa concreta e pragmática. Faço o que posso com os meios que tenho. Teatro Satânico foi e continua a ser penalizado devido ao adjectivo "Satânico" no nome. Uma vez a ABM tentou arranjar uma actuação ao vivo dos Teatro Satânico na Polónia, mas não o conseguiu



Os Teatro Satânico são um dos colectivos mais interessantes por esta altura. Sempre irreverentes no seu espírito, capazes de nos surpreenderem continuamente nos seus projectos, reinventarem a sua sonoridade e, acima de tudo, mantendo uma consistência de qualidade que os separa dos seus pares.

Como podemos ver na entrevista aqui ao lado, o imaginário do Satanismo sempre esteve presente ao longo da sua carreira. Mas talvez nunca como neste vinil tenha sido tão exacerbado e destacado. E que melhor forma de o fazer que prestar homenagem ao seu compatriota Giosuè Carducci, cuja vida e obra podemos conhecer melhor também ao longo destas páginas.

De um dos lados temos **Inno A Satana** que, como o próprio nome indica, é onde o infame poema de Carducci ganha vida às mãos de **DeviLs g**, **Alberto MK**, **Ari**, **Dan Saint Julian**, **David Youcide Muzakiller** e **Marco Deplano**. Ouvi-lo ser recitado no Italiano original, em voz lúgubre e recheada de efeitos de murmúrios e suspiros, complementada com uma composição ambiente que torna credível o ritual, é uma experiência verdadeiramente enriquecedora. Os tons latinos, a rima e métrica particulares desta obra tornam-na no parceiro perfeito para uma tertúlia solene. Usem-na e verifiquem se existe ou não verdade nesta afirmação.

Do outro lado somos brindados com **Lucifer**, uma faixa ritualista intensa (muito em linha do que será o **Apocalypse Cancelled**, a publicar brevemente pela **HellOutro Enterprises**) em que a electrónica domina os sons acústicos e a vocalização demente que invoca o "Portador da Luz". Aqui **DeviLs g** é complementado por **Rob3rto**, **ClauDEDI** e **Spectrae** (de projectos bem conhecidos como **Ain Soph** ou **Malato**). Criada com o expresso propósito de invocar o arquétipo tradicional de **Lucifer**, enquanto símbolo de conhecimento e descoberta, é a faixa sonora ideal para a saída dos tempos obscuros de cegueira religiosa em que estamos imersos.

Um destaque final ao carácter exclusivo desta edição, limitada a 333 cópias em vinil vermelho pintalgado de tons azuis. Apropriadamente feito apenas para quem o procurar, portanto. Verdadeiro espírito satânico!

Lurker

TEATRO SATÂNICO

fazer, pois os promotores polacos, que já tinham agendado DeutschNepal e outras bandas similares, disseram que não nos era possível tocar lá só por causa do "Satânico". E também sofremos acções discriminatórias em Itália. Sim, existem várias pessoas na cena *underground* a falar sobre nós, mas não há nenhuma editora com as nossas produções nem nenhuma promotora alternativa a arranjar espectáculos ao vivo. Os Teatro Satânico tiveram de superar muitas críticas do mundo *underground* e para termos um pouco de respeito travamos duras e longas batalhas... Mesmo nos dias de hoje muitos críticos recusam-se a falar de Teatro Satânico.

Quando criam a música, pensam no efeito que terá naqueles que a ouvem? Ou criam apenas para vocês?

Boa pergunta. Realmente implica tanta discussão que é difícil resumir em poucas palavras. Os artistas não vivem "noutro mundo" e decididamente não são outro tipo de espécie dos restantes humanos. Nós falamos a mesma linguagem que aprendemos na comunidade onde crescemos. Não quero acrescentar muita filosofia neste ponto, pois não quero parecer algum alto intelecto, mas para melhor entenderem este conceito difuso encaminho-os para os escritos mais recentes de **Ludwig Wittgenstein**. Bem, mas vamos manter o "teatro" fora disto, senão não me calo, e falemos apenas de música. Até esta tem de ser considerada "música". Os artistas operam com comunicação e temos de manter em mente onde é a linha do conhecimento. Há alguns anos atrás estive numa aula do professor **Joseph Waters** sobre deste tema particular. Ele é um excelente professor e um ótimo compositor contemporâneo. Ajudou-me imenso a ver a natureza deste assunto. Parafraseando o professor Waters, quando se faz arte tem "de se re-inventar a roda", mas evitar o egocentrismo exagerado.

Embora enraizado na cena experimentalista e electrónica, "Pan Ist Tod" foi uma entrada em terrenos mais neo-folk. Porque é que escolheu esta abordagem neste álbum?

Usei este conceito porque era mais funcional no mini-álbum "Pan ist Tod", embora tenha usado o som de *neo-folk* como uma atitude experimentalista. Foi uma campã real que inspirou este álbum. **Peter Pan** era um soldado da Primeira Guerra Mundial e está enterrado numa montanha perto de onde eu moro. Vejam em www.soldatopeterpan.it, e encontram toda a informação acerca deste túmulo. O neo-folk é normalmente usado para divulgar mensagens pró-guerra. Bem, queria fazer o contrário e compus esta mão cheia de canções anti-militaristas usando o estereótipo neo-folk, misturando e transgredindo o carácter real e fictício.

Podemos contar com futuras incursões nestes territórios?

A OEC questionou-me por outras músicas neo-folk, acho que talvez grave mais pois gosto do conceito que ele me propôs, mas não gosto do neo-folk uma vez que é um género muito estruturado... gosto de mais liberdade e anarquismo nas formas sonoras.

Qual foi o lançamento que mais vos inspirou? Se tivesse de escolher apenas um título da vossa colecção, qual seria?

Sempre o próximo!

Quais são os artistas/projectos que mais o inspirou ao longo dos anos?

Acho que quer dizer músicos... Bem, o primeiro álbum que comprei quando era ainda bastante novo foi "Information Overload Unit" dos **SPK**, e depois comprei "Formen Letzter Hausmusik" de **Asmus Tietchens**, mas comprei-os porque estava interessado em música electrónica e naquela altura não sabia o que era o "industrial". Confesso que conheci **Psychick TV** antes de **Throbbing Gristle**. Lembro-me que entre este conjunto de *Lp's* também comprei "Mister Heartbreak" de **Laurie Anderson** e comecei a conhecer P.TV apenas pela referência **Burroughs**. Sempre ouvi muito tipo de música e não apenas um tipo particular de artista, ou de género. Por acaso, ao compôr "Inno a Satana" fui buscar a inspiração à música "Perfect Lives" de **Robert Ashley**; todas as vozes a vir da direita e esquerda...

Mas não pensem que apenas ouço **Stockhausen** e coisas electrónicas, também costumava ouvir **Velevet Underground**, **Joy Division** e outras bandas de *pop-rock*. Mas realmente gosto bastante da atitude de **Psychick TV** porque não se cingem a um género.

Qual o ultimo artista/projecto que captou a sua atenção?

Tudo, como de costume! Nestes dias estou a ter algumas aulas de música electrónica na Universidade de Pádua, estou a aprender "supercollider", um software de música entre outras coisas... Por estes dias a mesma organização cultural que está a organizar estes workshops também está a organizar um evento ao vivo intitulado "Signal (Carsten Nicolai, Frank Bretschneider, Olaf Bender)", e vou estar lá para ver.

Olhando para a cena italiana, quais os artistas/projectos que recomenda? Alguns deles estão relacionados com o Satanismo?

É uma questão difícil, uma vez que é um campo que levanta muitas dúvidas... Podes perguntar a ti mesmo "quem é" e "quem pretende" sem encontrares uma resposta. "Satanistas" são aqueles de cabelo comprido, que usam casaco de cabedal e que mostram um grimório em palco? Ou os "Satanistas" são aqueles de cabelo curto e que não mostram nada? E quem sou eu para os julgar? Por isso é que não posso dar uma resposta acerca de projectos satânicos contemporâneos, porque não consigo ter a certeza de quais são.

Para aqueles que não conhecem, recomendo vivamente **Rosemary'S Baby**, um projecto italiano antigo. Infelizmente a sua história teve um final infeliz pois **Pier Luigi "Pierre" Zoccatelli**, o líder, voltou-se para o cristianismo e juntou-se à CESNUR (Centro de estudos para novas religiões), uma organização que monitoriza os chamados "movimento



**OS COLECCIONADORES
SÃO A MELHOR AUDIÊNCIA
QUE UM ARTISTA PODE TER,
SÃO A FORÇA MAIOR
QUE PROTEGE E VALORIZA
O TEU TRABALHO ARTÍSTICO
CONTRA QUALQUER FASE
TRANSNACIONAL.**

de novas religiões". De facto é um tipo contemporâneo de caça à bruxas. Mas enquanto a banda, **Rosemary'S Baby** esteve activa, fizeram um trabalho extraordinário ao misturar arte e magia. Sem sombra de dúvida **Rosemary'S Baby**, foi o melhor projecto antinomiano em Itália, embora por um curto período de tempo.

Lembro-me do incidente que foi amplamente divulgado, com o culto italiano, Beasts of Satan, onde um grupo de jovens foi condenado por ter realizado um assassinato num ritual satânico. Este incidente é representativo da cena satânica no vosso país?

O caso dos **Beasts of Satan** foi o típico espectáculo sangüinário que ocupou os noticiários televisivos e programas, sobre a forma mais comum de ver os Satanistas, em horário nobre. Mas o pior é que as pessoas viram estes indivíduos como satanistas "reais", só porque este jovens estúpidos fizeram o que algumas pessoas queriam que eles fizessem.

Citando **LaVey**, no "*Satan Speaks!*": "*Queria dizer às vossas crianças o que estava correcto acerca do Satanismo: encorajar a sensualidade com objectivos, revoltar-se com a justiça. Não se conformar com pouca sabedoria. No entanto, vocês invadem os media acerca dos feitos dos satanistas "reais", que tipo de sons fazem quando estão possuídos.[...] O vosso Apocalipse é agora. Vocês trazem isso para vós. Peguem! Sofram. É todo vosso*".

Há organizações italianas que considere respeitadas relativamente ao Satanismo?

Realmente não conheço ninguém a quem possa chamar de "capaz". Conheço algumas organizações italianas que se relacionam com a temática satânica, mas recuso-me a falar delas para evitar o propagar da estupidez por pessoas contraproducentes.

Queria apenas referir que nunca estive envolvido com nenhuma sociedade oculta, de livres maçons ou quase-maçons tipo OTO, SOTUL, OTOAntiqua, Fraternitas Hermetica Luciferiana ou similares. Estas organizações que mencionei são bem melhor geridas do que aquelas de meios satânicos. Uma vez, há cerca de 5 anos atrás, fui convidado para me associar mas recusei. Preso muito a minha liberdade e independência e não aceito associar-me a quem me vai pedir algo em troca. Um hermetista **Kremmerz** já me disse que eu tinha falta de disciplina. Tomei isto como um elogio! E realmente acho que a Via antinomiana é a que está mais de acordo comigo, porque realmente sou bastante desobediente!

Palavras finais?

É melhor um bom velho diabo do que um novo deus mau!

[HTTP://WWW.TEATRO-SATANICO.IT](http://www.teatro-satanico.it)

OS TEATRO SATÂNICO TIVERAM DE SUPERAR MUITAS CRÍTICAS DO MUNDO UNDERGROUD E PARA TERMOS UM POUCO DE RESPEITO TRAVAMOS DURAS E LONGAS BATALHAS...





MODA

À FÁBRICA DE IDENTIDADES EFÉMERAS

Outubro

PROCURANDO DIFERENCIAR-NOS E ERIGIR UMA IDENTIDADE ÚNICA, ATRAVÉS DA OFERTA COMERCIAL DE UMA ESTÉTICA TRANSITÓRIA, ABRAÇAMOS A ARMADILHA PARADOXAL DA MODA: A OFERTA ILUSÓRIA DE UMA INDIVIDUALIDADE QUE NOS COMPELE AO CONSUMO DO EFÊMERO.

S

e para muita gente a auto-aceitação depende grandemente da aprovação dos demais, do não-abandono e na integração num contexto social tradicional, para outros ela implica a diferenciação desse mesmo contexto. Essa diferenciação manifesta-se através da contestação dos valores aceites pelo primeiro grupo e traduz-se numa série de padrões de comportamento, o que acaba por definir um microcosmos similar nesse subgrupo, e parece revelar-nos elementos que o compõem, as mesmas necessidades relativas de aprovação, não-abandono e integração. Ou seja, embora diferenciando-se do colectivo maioritário, a individualização dessas pessoas dilui-se na necessidade de se referenciar entre si, através de padrões de comportamento similares, roupas similares e vocabulário similar.

Eis o fenómeno em simultâneo diferenciador e despersonalizante das sub-culturas urbanas.

A "personalidade" tipo assume então a condição de estereótipo, acabando por ser alvo da mesma contestação, por parte de elementos de outros grupos, que buscam dessa forma afirmar-se e erigir a sua própria identidade. Eis a "guerra" ideológica entre as sub-culturas urbanas.

Tudo isto define códigos de comportamentos de fácil leitura para os cérebros do consumo - cujo objectivo é aglutinar todas essas tendências e produzi-las em série - sendo também uma poderosa fonte de inspiração para os criadores de moda, que vêem nessas tendências urbanas múltiplas, a oportunidade de elevar as suas criações aos meandros da arte conceptual, mas cujas produções acabam por ir ao encontro dos cérebros do consumo. Eis as sinergias actuais da indústria da moda.

Ao fornecer as imagens que permitem ao indivíduo jovem e fragmentado, de classe média, erigir a sua própria imagem a partir do vasto portefólio das novas tendências urbanas, ao parafrasear a sua necessidade de diferenciação está, em simultâneo, a produzir uma ou mais "griffes" inspiradas na pseudo-rebelia da "low culture" que irão ser igualmente assimiladas pelos entusiastas da moda, para quem as "griffes" (independentemente da sua conotação conceptual) traduzem invariavelmente status e prestígio, desde que associadas a um designer de renome. (O ciclo reinicia-se, com as "griffes" do ano seguinte ou mesmo da estação seguinte, perante as quais o consumidor é forçado a um novo esforço de diferenciação).

Mas há quem se mantenha imune a essa "ilusão" transitória de diferenciação, ao efeito dessa torrente de acções e reacções despersonalizantes e até debilitantes. Há quem vá aferindo gradualmente a sua individualidade estética, sem dificuldade aparente, sem se fechar a sete chaves das estéticas emergentes, nem necessariamente as abraçar, o que além de sublinhar o insucesso flagrante desse esforço contínuo de diferenciação, sublinha também a importância de estabelecer um equilíbrio entre a imagem projectada no espelho e os símbolos, feitos ou cores que melhor traduzam as emoções que nos definem enquanto pessoas e nos vão com a pele, independentemente do seu contexto temporal.

Resumirá a intemporalidade estética o factor de equilíbrio necessário à consolidação individual?

Poderá a maratona sazonal da moda ser entendida como um instrumento perverso concebido para produzir nos mais volúveis a sensação constante de caducidade?

Embora as respostas estejam em cada um de nós e o objectivo principal delas, seja convidar o leitor à sua busca individual, seria interessante partilhar convosco dois - aliás três - conceitos presentes em duas obras de LaVey ("The Devil's Notebook" e "The Satanic Witch", respectivamente) sobre os quais me propus fazer um desenvolvimento pessoal e me parecerem definir na perfeição o tipo de energias salvas e gastas em ambos os casos:

RESPOSTA UM INÉRCIA DA CRISTALIZAÇÃO ERÓTICA (EROTIC CRYSTALLIZATION INERTIA)

Que a busca de nós mesmos pressuponha o impulso de erigir uma imagem estética a partir de dentro, a partir das emoções e dos símbolos que modelam a nossa cristalização de modelos eróticos e não que o tempo nos force a escravizar a aparência exterior (e consequentemente as emoções) a novos modelos eróticos, que pelo seu carácter efémero, nos esgotam duplamente:

HÁ QUEM VÁ AFERINDO GRADUALMENTE A SUA INDIVIDUALIDADE ESTÉTICA, SEM DIFICULDADE APARENTE.

- a) No referido esforço de diferenciação.
b) Ao negligenciarmos a energia que a cristalização de modelos eróticos nos permite manter.

Ou seja, que a melhor forma de não nos deixarmos vencer pelo carácter efêmero da moda e pelo passar do tempo, seja justamente "parar" nele. Porquê?

Porque ao aferirmos a nossa imagem estética aos modelos eróticos que cristalizámos ao longo do tempo, poderemos não só agregar a preciosa energia dos nossos pares – por via da cumplicidade, do amor, da amizade e de criações fundadas na identificação de experiências comuns (elas mesmas intemporais) – como fazer prevalecer em nós o entendimento da vida como um todo, um somatório e não uma sequência interminável de segmentos, em que fazemos o possível por nos descartar do passado – o que inevitavelmente nos estilhaça enquanto indivíduos, ao desagregar-nos do tempo e dos nossos pares dos quais, por curioso que pareça, nos passamos a afastar.

RESPOSTA DOIS

DIFERENCIAÇÃO DO GÉNERO (THE LAW OF THE FORBIDDEN)

Que independentemente dos ditames efêmeros da moda no que toca à androginia, esta jamais sirva o propósito de esconder em nós o que de mais poderoso temos – a sexualidade – tão pouco nos faça cair no engano oposto. Escravizar a nossa imagem exterior (e consequentemente as nossas emoções) ao sexo oposto e à ideia distorcida do que mais depressa o atrai, desvalorizando no processo a quinta-essência da Magia Inferior – a translucidez, a sombra e o contorno – facilitando na exposição óbvia do que é nosso propósito fazer desejar, ao oferecê-lo de bandeja, a exaustão precoce dessa preciosa fonte de energia.

Em suma, zelar para que na construção da nossa imagem estética, possamos reunir todas as forças capazes de nos consolidar como seres humanos, recorrendo à moda como instrumento fiel das nossas emoções e não como carrasco residente delas.



LOLITA FASHION VICTIM de Chlasta Katarzyna
[<http://kasiotfur.deviantart.com>]



ANITA de Helder Alcaparra [www.dark-leater.com]

PINTURA AMADORA

UM FECUNDO ORBE A SONDAR *Mosath*

**TRANSMITE-SE O
FRIO DOS CALOS
NOS PINCÉIS E
POR CAUSA DISSO
FALEMOS UM POUCO
DE ARTE. FALEMOS
POUCO PARA NÃO NOS
CHATEARMOS, E PARA
ISSO ACONTECER,
OLHEMOS MAIS
DO QUE FALEMOS!**



O PÁSSARO DE FOGO de Sérgio Martins

A Arte é um conjunto de valores que se padronizam, consoante a época e a cultura. Existe como complemento à banal interacção e fugaz quotidiano das pessoas, visto que lhes deve fornecer certos sentidos, determinadas imagens e disformes mensagens; conjunto que activa comportamentos mais ou menos indagadores e reaccionários. Por enquanto, nada melhor que estéticas que mostrem o mundo de outras formas, noutros cursos de objectos e nada pior que a ausência de criação artística. Criação artística, qual intelectual segmento que nos liga inclusive até àquele Algo, que fora dela, por ventura, o abominariamos. Pintura, Fotografia, Dança, Música, Escultura... são modos de vida, dos quais selecciono o primeiro, já que o primeiro é sempre o mais visível!

A Pintura é um marco importante no e do mundo, tal-qualmente tem aproximado

pessoas, concedendo-lhes contactos, atribuindo-lhes ensinamentos, verificando-lhes trocas e reflectindo-lhes partilhas e, especialmente, abrindo-lhes a visão para um imaginário superiormente megalómano ou fincado e, ao mesmo tempo, para o abissal interior criador humano. A Pintura, dizendo para lá de mil vozes, agrada-nos com o seu carácter gráfico e inovador. Uma pintura, abstracta ou realista, é sempre decorativa e nada melhor do que decorarmos os nossos iglôs, com aquilo que nos agrada, pois não? Iglôs com tais parafernálias pigmentadas, que, em plano sentimental, nos incita a criticar, cada vez melhor, uma pintura, sustentando os gostos pelas temperaturas das cores, pelas tonalidades dos traços e das formas de cada uma, antevendo os ambientes psicológicos e as suas cargas inspiradoras, se presentes. Sendo paradoxal, a Pintura nunca é aquilo para o qual foi feita. Qualquer pessoa merece, merecer talvez não,

e consegue pintar, é artista por isso só, mas há níveis de complementação que registam, quem pinta, termos de prestígio, de aplicação e de validade. Chamo o mundo amador! Vejam, leitores, comigo ou com quem vos convier, noções da pintura amadora; Nacionalmente boa como a rolha de cortiça, pois claro.

Os pintores amadores, pessoas que pintam com a intenção de se divertirem, com o intuito de decorarem o seu espaço de habitação (ou de outrem), com o impulso de passar o tempo ou com o fluxo de conquistarem e, por conseguinte, nestes momentos criam. Estou crente na frase de que muitos pintores amadores pintam coisas extraordinárias, que mais tarde ou mais cedo chegarão a um vasto terreno de seguidores/compradores (nem que depois de mortos), mas que até lá podem perder-se ou desmaiar pela falta de apoios e aliados de aposta, em relação às secções das chancelas residentes deste meio artístico, o qual enuncio, claramente a não excepção, como o vector da ausência de autorização de avanço aos pintores desconhecidos, da ausência de uma irreverência; não confundir com tiros no escuro, nem com impulsos sonhadores.

Nós, conheceremos sempre alguém que pinte por gosto, que rabisque por nada ter que fazer, que ruborize por mania ou por talento. Eu conheço um homem que pinta por talento e com muito gosto, o qual é amador, estudara Artes há alguns anos e que, actualmente, trabalha num sector profissional que nada liga aos fusíveis da Arte ou da Pintura. No entanto, a vida, segundo ele, também é aproveitar o melhor de nós próprios e usá-lo em realização pessoal, já que o trabalho... enfim...

SEPARATE MINDS SEPARATE SOULS de Sérgio Martins



O homem chama-se Sérgio Martins e é alto. Justifico esta minha vontade e gozo de nele falar e dele mostrar, com a certeza de que os seus quadros me colocam os sentidos em reflexão positiva, em actividade intelectual e com a pretensão de rasgar caminho até ao seu reconhecimento natural. É com muito agrado que vos exhibo alguns quadros pintados pelos pincéis, de muitos tamanhos, do Sérgio Martins; quadros que marcam estratégias e remarcam compassos na sua vida pessoal, mas que conseguem ultrapassar linhas e limites de definições, com os seus ares de obras-primas, de reais originais. Melhor que tudo até agora é calar-me e... já iniciar a visita aos seus quadros, que, leitores, desconheceis.

O estilo do Sérgio Martins é fantástico. Sejam possivelmente pragmáticos e daremos possivelmente o Surrealismo como o prato mais pesado na sua balança. Daí em diante, em liberdade, teremos tantos estilos, quantas ideias o pintor quiser ter ou o observador quiser conjurar. Sobre Faulques escrevera-se, o Pérez-Reverte, enquanto o seu espaço habitacional, no qual um mural pintava, era " [...] um telhado provisório de madeira impermeabilizada sobre a torre, vigas de betão para reforçar as paredes, portadas na rocha, em jeito de estreita semicave, e ia desaguar no penhasco [...] ", o seguinte: "No traço de desenho e cor, lento, minucioso, reflectivo, que só é possível quando o pulso bate já devagar. Quando os deuses velhos e mesquinhos, e as suas



consequências, deixam de incomodar o homem com ódios e favores. Pintura de batalhas."

Sérgio Martins não é nenhum pintor de batalhas, mas é um pintor de grandes arenas. Numa cadeira almofadada, sua pele de púrpura, observo o pintor a existir na sua forma mais aprazível. Sérgio Martins agarrou o seu pincel e a sua paleta de cores diversas e homogeneiza-

das. Começou então a pintar, a lançar as bases e as sementes de um novo mundo, um novo mundo só dele, que poderá ver a luz do dia, se o pôr-do-sol de agora continuar a inspirar os seus gestos artísticos.

Estaremos deste lado da cadeira, e estarei eu a aplaudir, pressentindo o que estará para vir ou sair.

A VIDA, TAMBÉM É APROVEITAR O MELHOR DE NÓS PRÓPRIOS E USÁ-LO EM REALIZAÇÃO PESSOAL



THE BOOK OF LIFE de Sérgio Martins



A BÍBLIA SATÂNICA

ANTON SZANDOR LAVEY



PRIMEIRA EDIÇÃO DA VERSÃO PORTUGUESA CAPA DURA - EXEMPLARES NUMERADOS

HellOutro Enterprises



Para além da encadernação especial, esta edição de A Bíblia Satânica inclui um intróito exclusivo da versão Portuguesa, e um glossário, contextualizando as traduções de expressões originais no inglês sem correspondência na nossa língua.

Acima de tudo, nas 190 páginas que compõem esta obra incontornável existe a garantia de uma tradução de qualidade, feita por Satanistas, para todos aqueles que estejam interessados em compreender as palavras de Anton LaVey e a significância do Satanismo. Apenas disponível em:

[HTTP://LOJA.APSATANISMO.ORG](http://loja.apsatanismo.org)